

O CALCOLÍTICO E A IDADE DO BRONZE NA BACIA DO RIO NEIVA, NW DE PORTUGAL

- UMA BREVE SÍNTESE

MARISA CARDOSO MAGALHÃES

INTRODUÇÃO

O texto apresentado corresponde ao culminar de uma investigação desenvolvida para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Tem como objecto de estudo a bacia do Neiva entre os períodos cronológicos do Calcolítico e a Idade do Bronze.

Pretende dar a conhecer alguns sítios arqueológicos e vestígios materiais que perduraram ao longo dos milénios e que sobreviveram a esta longa diacronia. Falamos de formas de povoamentos, que se dispersaram ao longo deste vale minhoto, um cenário verdejante e fértil, fortemente inspirador para as comunidades pré-históricas.

A paisagem que os nossos olhos hoje percebemos, não seria a mesma que estas populações observavam e manipulavam. Sabemos que conheciam cada lugar por onde caminhavam, e que estabeleciam ligações de afectividade com os lugares em que habitavam. Experimentaram novos sentimentos, nem sempre compreensíveis e que se revelaram em novos estilos de vida.

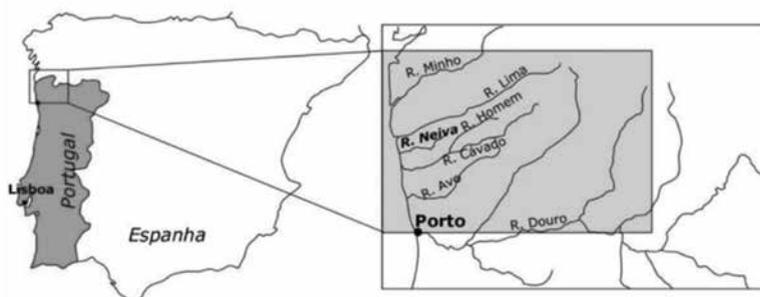
Para entender esta dinâmica de relações que se desenvolveram com o meio, manifestada sob a forma de bens materiais, que resistiram à passagem do tempo, totalmente alterados da sua feição inicial, socorremo-nos da Arqueologia. Esta disciplina histórica pretende explicar as sociedades do passado. Tem como objectivo a identificação, recuperação e estudo de sítios arqueológicos. A sua concretização depende de processos articulados e com o modo de como os sítios se formaram, a natureza dos vestígios e das acções que neles se produziram.

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A bacia do Neiva situa-se na região do Minho Ocidental, limitado a Norte pela bacia hidrográfica do rio Lima e a sul pela bacia do rio Cávado. Tem uma extensão aproximada de 240 km² (fig. 1).

O rio Neiva nasce no monte Oural, a 722m de altitude e tem aproximadamente 40km de comprimento. Com a orientação nascente – poente, percorre 5 áreas administrativas, sendo elas Vila Verde, Ponte Lima, Barcelos, Viana do Castelo e Esposende. A temperatura anual da bacia é de cerca de 14, 5° C e a precipitação média anual e de 1900 mm, ou seja, perto do dobro da média nacional. (fig.2)

Fig. 1 -
Localização do rio
Neiva, a sul do Rio
Lima e a norte do
sistema
fluvial do rio
Cávado.
(Oliveira, 2007)



CARACTERÍSTICAS GEOLÓGICAS

A riqueza mineira desta região é já conhecida desde tempos longínquos, mencionada até pelos autores clássicos, como por exemplo Estrabão, que referia que existiam pepitas de ouro arrastadas pelos rios a norte do Tejo (Almeida, 1990, p. 22), assim como explorações de safiras, prata e antimónio no monte de S. Simão, em Cossourado, no concelho de Barcelos (Azevedo, 1897, p. 234). O noroeste peninsular é caracterizado pela sua grande riqueza estanífera, considerada uma das mais ricas do globo (Neiva, 1944, p. 219). Este metal brota, no vale do Neiva, na serra da Nó e na vertente noroeste da serra da Padela. Surge associada com o tungsténio, e é bastante comum ocorrer com a exploração de volfrâmio. A existência de filões de quartzos, minérios e diversos metais nas zonas de encontro das manchas de xistos e graníticos, justificou desde os inícios da ocupação humana que existissem diversas explorações mineiras nesta área geográfica do país.

Nesta região, predominam as rochas graníticas de grão médio de duas micas sobretudo, filões de quartzo, e na zona de Godinhaços manchas xistentas, na zona de Sandiães (Ponte de Lima).

CARACTERÍSTICAS DA FAUNA E DA FLORA

A caracterização geral da flora ao nível da bacia hidrográfica do rio Neiva, em termos gerais, é dominada por culturas agrícolas realizadas em várzeas, rodeadas por povoamentos de Pinheiro bravo (*Pinus Pinaster*) e/ou Eucaliptos (*Eucalyptus globulus*), Carvalhos (*Quercus faginea*). A nível ribeirinho dominam as formações dos Choupos (*Populus alba*), e o Salgueiro (*Salix alba*), e o Amieiro (*Alnus glutinosa*) e o Videiro-Branco (*Betula pendula*). Nas zonas de vertente e de cumeeada localizam-se sistemas florestais degradados, matagais extensos. Um dos traços mais marcantes da ocupação do solo desta bacia é a dispersão do povoamento, que acompanha praticamente a totalidade do curso de água, com consolidação da tendência para o povoamento em terrenos de colinas. A flora desta zona sempre foi condicionada pelas actividades agro-pastoris.

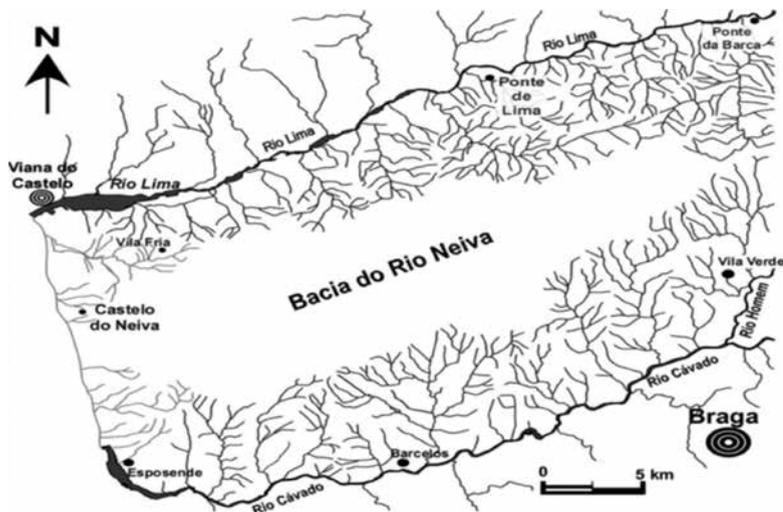


Fig. 2 - Desenho esquemático, representando em branco a área da bacia do rio Neiva. Circunda pelos afluentes da margem direita do rio Cávado e do rio Homem, a sul, e os da margem esquerda do rio Lima, a norte. A cinza estão exibidas as ribeiras litorais que estrangulam o troço da bacia do Neiva perto da foz. (Oliveira, 2007)

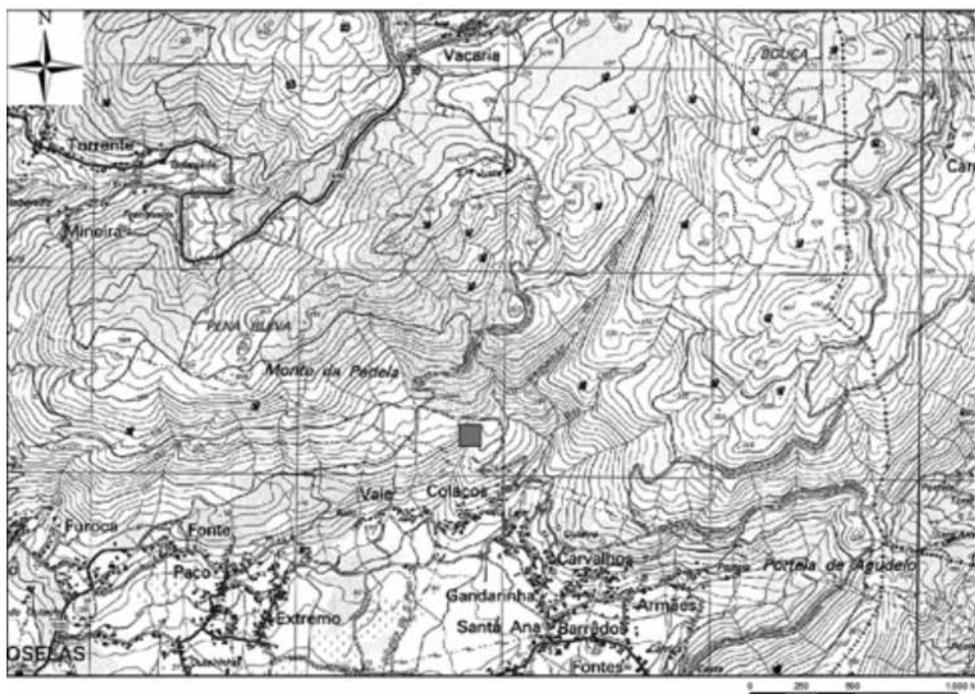
O CALCOLÍTICO

Tal como foi abordado no primeiro texto, sob a forma de resumo, vou apenas centrar-me em dois períodos cronológicos o Calcolítico e a Idade do Bronze.

O Calcolítico situa-se entre finais do IV ao terceiro quartel do III milénio a. C. (Bettencourt, 2013). Situado entre o Neolítico e a Idade do Bronze, este período é caracterizado por ser a fase em que se conhece e manipula o cobre. Situado aproximadamente entre 2. 500 e 1. 800 a. C., num meio físico cada vez mais frio e seco, do que no Neolítico, torna-se frequentemente ocupações em áreas menos elevadas. Agora estas comunidades, que habitavam o cume dos montes, optam por se assentarem em planaltos e alvéolos graníticos ou remates de esporões, de média altitude, em colunas de vales aluvionares ou plataformas litórais. Estas escolhas estão relacionadas com actividades de subsistência e influências de ordem simbólica. Sabemos, que terá existido um maior prolongamento ocupacional ao território com explorações exaustivas de recursos, como comprova o Monte do Castro/Monte de Sanfins, (fig. 3) situado em Esposende e o povoado da Padela, em Carvoeiro, Viana do Castelo, (fig. 4) este último, no entanto, infelizmente não se encontrou nenhum vestígio evidente das estruturas habitacionais.

Fig. 3 - Carta Militar de Portugal n.º 54, esc. 1/25 000, com a localização do Monte do Castro/Monte Sanfins.





Estas populações do calcolítico praticavam agricultura, a pastorícia e recorriam à caça e à recollecção, que teria incidido sobre frutos como a bolota e as amoras, assim como avelã e medronheiro. Cultivavam o trigo de grão nu, a cevada e a fava. Comeriam legumes, como o saramago/rabanete selvagem, cujas raízes, caules, folhas e sementes são comestíveis (Bettencourt, *et al.*, 2007).

Evidencia, que no Noroeste Peninsular surge uma nova forma e concepção de ver o “mundo” visível na “arquitetura dos mortos”, que vai perdendo importância como elemento referenciador e identitário destas populações, para ser substituída por outros cenários, seguramente mais apropriados aos novos procedimentos de interacção homem-meio.

Fig. 4 - Povoado da Padela, com ocupações desde o Calcolítico e Idade do Bronze na Carta Militar de Portugal n.º 41, esc. 1/25 000, com a localização do sítio arqueológico de Carvoeiro.

O BRONZE INICIAL, MÉDIO E FINAL

Este período no noroeste português é commumente dividido, em Bronze Inicial, Médio e Final. Para cada um destes períodos, com características culturais distintas. Consideramos que o Bronze Inicial se desenvolve entre 2300/2200 e 1700/1600 AC, Bronze Médio entre 1700/1600 e 1100/1000 AC. e o Bronze Final entre os séculos VII/ VI AC. (Bettencourt, 2003: 22-36).

Em termos paleoclimáticos os dois primeiros períodos cronológicos – Bronze Inicial e Médio - ocorrem durante a fase fria e seca que se inicia no Calcolítico enquanto o Bronze Final coincide com o início de uma fase mais quente (Ramil Rego *et al.* 2010), com temperaturas superficiais das águas do mar superiores às atuais e ventos do sector Norte e Noroeste fracos e pouco constantes (Soares 2010). É também neste período que irá aumentar o crescimento de plantas arbustivas e herbáceas. Relativamente, ao Bronze Inicial, conhecem-se muito mal os sítios residenciais, os povoados implantam-se em colinas de vale, com boas potencialidades agrícolas, como é o caso das Boucinhas/Regueira (fig. 5), Ponte de Lima, balizado entre 2294 – 1980 AC (Bettencourt, *et al.*, 2004), (Bettencourt, 2010^a). Encontram-se povoados também em terraços marinhos ou em altitude. As estruturas destes locais eram em materiais perecíveis, muitas vezes terra, argila e alguns blocos líticos.

O Bronze Inicial é caracterizado pela manipulação e desenvolvimento da metalurgia do cobre, da ourivesaria e da manipulação de artefactos nestas matérias de conotação mágico-religioso, segundo Bradley (1990). No caso das estruturas ligadas ao mundo da morte conhecem-se sepulturas *sob tumulli*, pequenas e médias alturas, com câmaras cistóides ou sem câmaras aparentes. Existe ainda a reutilização de monumentos megalíticos, como é o caso da Mamoa de Lordelo de Cima/Chafé, (fig.9) Viana do Castelo (Silva & Marques, 1986) denunciado que o passado continua presente na vida destas populações. É de referir, que alguns enterramentos são acompanhados por oferendas e adornos, alguns de grande valor simbólico e social, como aconteceu no túmulo 1 de Chã de Arefe, (Durrães, Barcelos) com uma ponta tipo Palmela, um braçal de arqueiro e um vaso tendencialmente tronco-cónico. Durante esta fase cronológica terá se mantido alguns lugares simbolicamente ativos, gravados com composições circulares esquemáticas. É provável, que tenha sido nesta fase a surgir alguns locais com estelas-menires. Podemos inferir que alguns cadáveres parecem ter desempenhado um papel activo a construção da identidade grupal e na legitimação da ocupação e da incorporação do território.

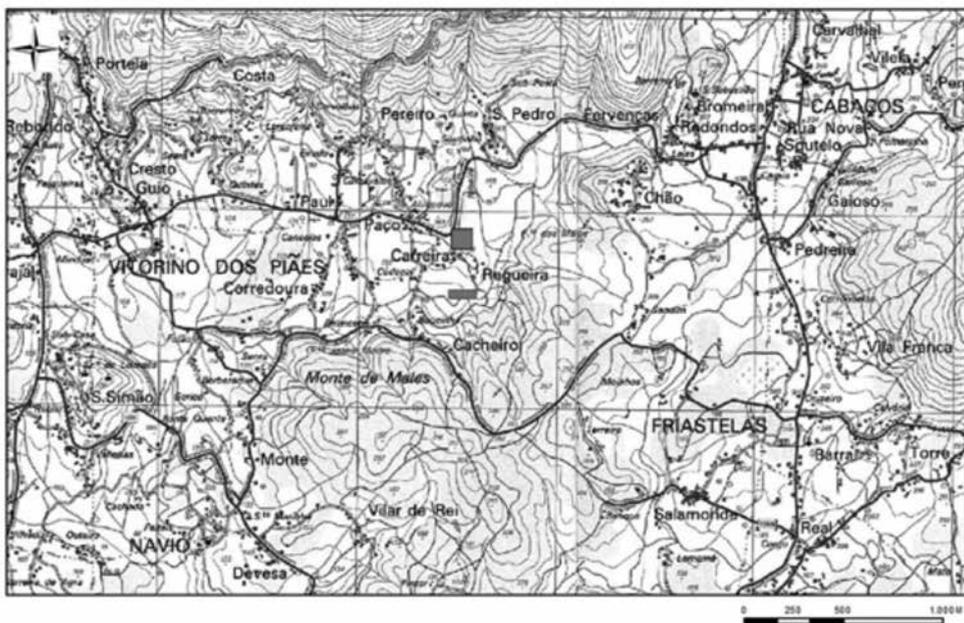


Fig. 5 - Carta Militar de Portugal nº 41 esc. 1/25 000, com a localização do povoado das Boucinhas/Regueira.

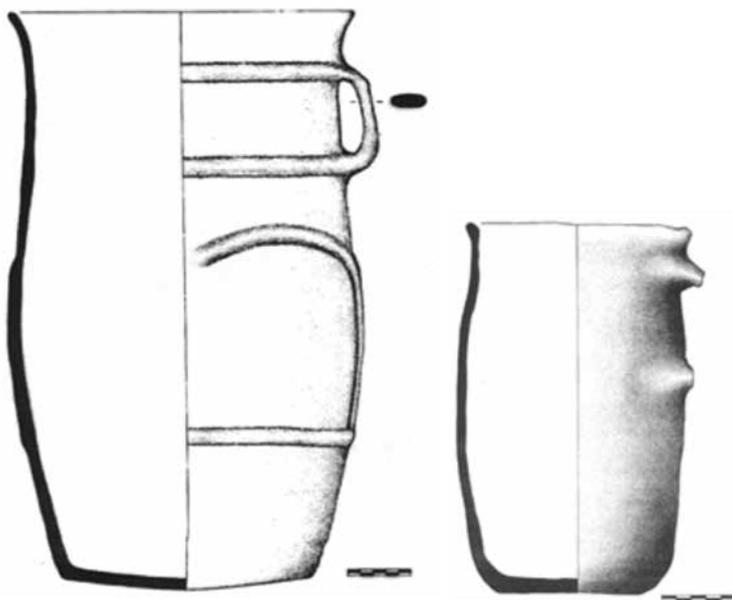


Fig. 6 - Vasos cerâmicos encontrados nas fossas escavadas por Almeida *et al.* (1994).

A IDADE DO BRONZE

Neste período aumentam os sítios residenciais, quer em colinas quer em zonas de plataformas litorais.

Para a Idade do Bronze possuímos mais dados, e conhecem-se pelo menos cinco povoados, dentro da bacia hidrográfica do Neiva: Boucinhas / Regueira, em Ponte de Lima; Chã da Coroa, em Vila Verde; Giesta e Sá em Barcelos e Pomarinho em Ponte de Lima. Povoados de baixa altitude e de curta e média duração, propícias à agricultura e pastorícia.

Especificamente situados no Bronze Final, o povoado de Chã da Coroa (fig. 7) e da Giesta (fig. 8), sabemos que eram protegidos com muralhas rudimentares e taludes, localizados em zonas de relativa altitude.

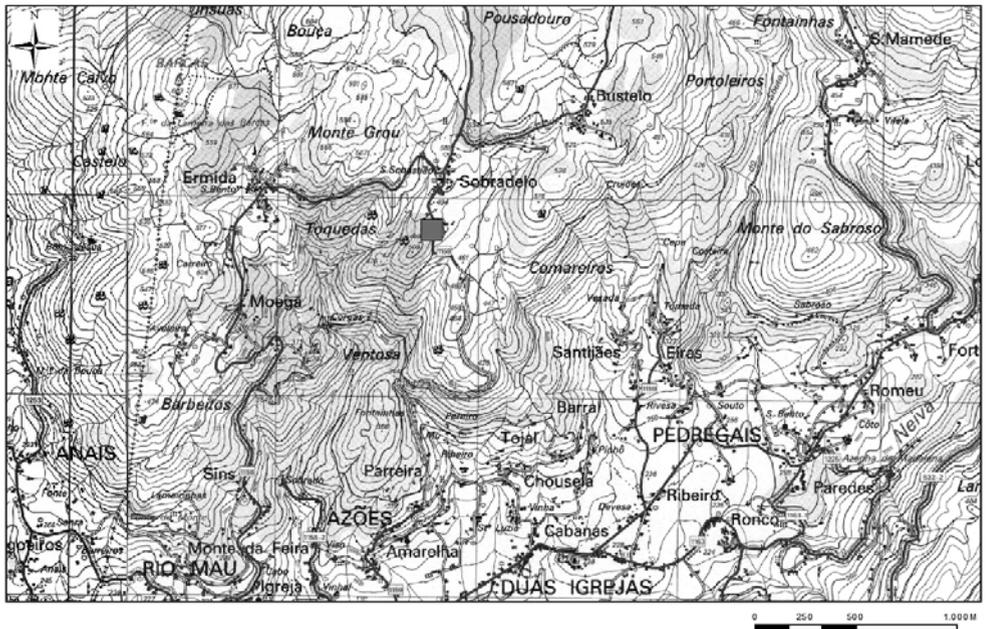
Os “lugares de morte” ou contextos funerários são em menor número. Ao Bronze Final podemos associar a reutilização da Mamoa de Lordelo de Cima (fig. 9), em Chafé, em Viana do Castelo. Temos também três monumentos associados a afloramentos e blocos graníticos de Chã de Arefe, em Barcelos, a necrópole indeterminada (mas que seria de fossa, sepulturas planas ou cistas) de S. Bento de Balugães, em Barcelos, e algumas fossas de Boucinhas, Regueira em Ponte de Lima, segundo (Bettencourt, *et al.*, 2004). No que se relaciona com os depósitos metálicos, temos na bacia do Neiva o “depósito de machados de duplo anel” de Vila de Punhe (Viana do Castelo) (fig. 13) e uma arma, uma ponta de lança, de Chã de Meses (Barcelos).

As mudanças que se reflectiram na economia e nas ligações sociais, a adopção de uma agricultura rotativa e excedentária, a exploração e manipulação, originou a formação de uma especialização da metalurgia do Bronze. Desenvolvem-se rituais associados às peças que criavam, como se o fenómeno da criação da peça desejada, de um fenómeno de magia se trata-se.

O ritual de guardar / conservar / entesourar / esconder e o surgimento dos povoados fortificados, inseridos em processos de interacção social a uma escala regional são algumas das mudanças que se reflectiram na bacia do Neiva. A localização destes povoados parece obedecer a ordens de explorações e transformações de recursos mineiros. A produção metalúrgica evidencia ter existido nesta área, rica em minério de estanho, ouro e prata, como comprovam as explorações mineiras (Reis, 1978; Almeida, 1990; Maciel, 2003: 16). É importante referir que estas populações da bacia do Neiva conhecem as peças metálicas desde os fins do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze. Ana Bettencourt (1995, 2013a, 2013b), investigadora da Universidade do Minho, relaciona as estátuas-menires com as rotas do minério. Exemplo disso é a estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende), que

se encontra numa zona litoral, de passagem, entre o Sul e o Norte, rica em minérios e que liga a bacia do Cávado e do Neiva. Relativamente, à arte-rupestre, os grupos de manifestações artísticas que se encontram são motivos temáticos relacionados com a arte atlântica e covinhas. Utilizaram a matéria-prima mais abundante, conjuntos de pedras, com características ideias para receberem estas manifestações artísticas. Estas insculpturas distribuem-se por amplas superfícies graníticas, formando composições carregadas com um forte simbolismo. No que se relaciona com a arte atlântica contamos com quatro sítios: no Monte de S. Pedro (Ponte de Lima), no Monte de S. Simão (Barcelos), no Castro, no Monte de S. Gonçalo (Barcelos) (fig.14) e o Monte Santinho (Viana do Castelo). Os tipos principais gravados são quase sempre motivos simples ou mais abundantemente concêntricos, combinados ou não entre si, quase sempre com covinhas no seu interior, meandros e linhas curvas obtidas, normalmente com um percutor de pedra.

Fig.7 - Carta Militar de Portugal nº 42, esc. 1/25 000, com a localização do povoado de Chã da Coroa.



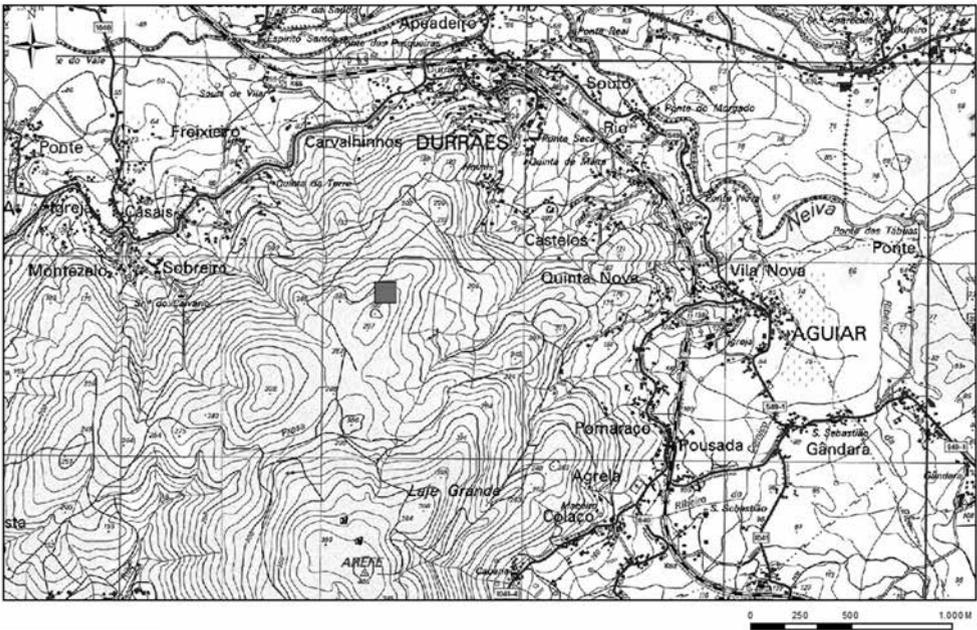


Fig. 8 - Carta Militar de Portugal nº 55, esc. 1/25 000, com a localização do povoado da Giesta.

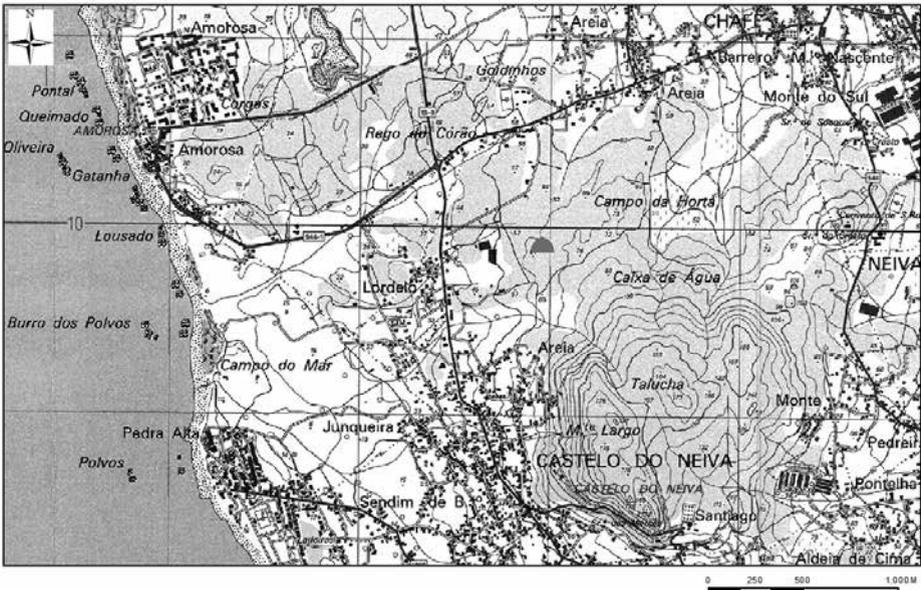


Fig. 9 - Carta Militar de Portugal nº 40, esc. 1/25 000, com a localização da cista de Lordelo.

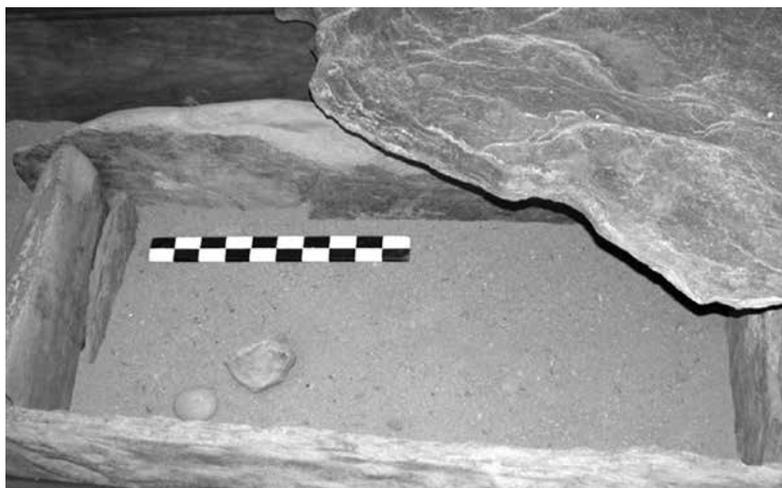


Fig. 10 - Cista e seu espólio montada na Junta de Freguesia de Chafé.



Fig.11 - Vaso troncocónico da cista de Lordelo.

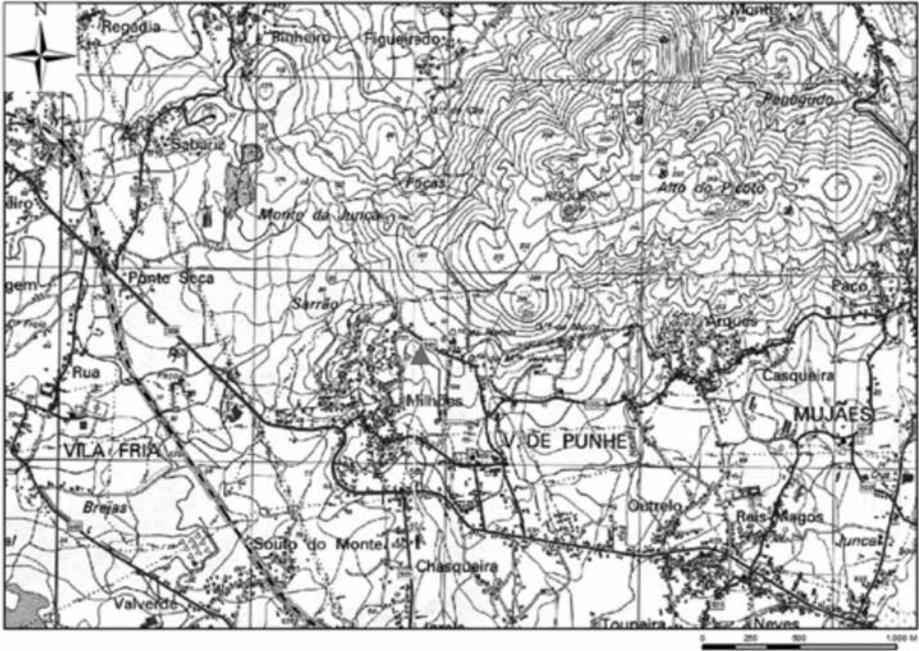


Fig. 12 - Carta Militar de Portugal nº 40, esc. 1/25 000, com a localização aproximada do local do achado do depósito.



Fig. 13 - Um exemplar de machado da Idade do Bronze, exposto no Núcleo Arqueológico da Casa dos Nichos, da CMVC



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em forma de síntese, sabemos que existe muito para investigar na bacia do Neiva, para alcançarmos um maior conhecimento dos períodos apresentados, podendo apenas arriscar em algumas considerações. O trabalho apresentado, e que serviu para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, serviu para sistematizar a informação dispersa que existia relativamente à bacia do Neiva. Foram necessárias prospecções, pelos locais estudados e apresentados. Um trabalho que não só se manifestou sob a forma física mas também em trabalho de investigação de “laboratório”. Foi necessário reunir documentação bibliográfica, procurar e analisar os espólios que existiam. Com este estudo, tivemos a pretensão de actualizar a informação que existia sobre o Calcolítico e a Idade do Bronze na bacia hidrográfica do Neiva, e ao mesmo tempo sistematizar a localização de todos os sítios correspondentes a estes períodos.

Fig. 14 – Arte rupestre, com motivos circulares e covinha no meio, no Monte de S. Gonçalo (Barcelos).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. B. (1990). *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. (Vol. 7/8). Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.
- AZEVEDO, P. A. (1897). *Extratos Archeologicos das "Memorias parochiaes de 1758"*. (AP, III, ed.).
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995). *Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal*. (Isabel Cordeiro et al. ed.). Lisboa: IPM.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995). *Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal*. (Discursos de poder ed.). Lisboa: IPM: Isabel Cordeiro et al.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2003). *Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal*. *Journal of Iberian Archaeology* 5.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2010A). *La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias*. *Trabajos de Preistoria* 67 (1).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2013). *Territórios da Pré-história em Portugal. A Pré-História do Noroeste Português*. (Vol. 2). Braga/Tomar: Candeias Artes Gráficas.
- BETTENCOURT, A. M. S., DINIS, A., FIGUEIRAL, I., RODRIGUES, A., CRUZ, C. S., SILVA, I. S., ET AL. (2007). *A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal*. (Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. ed.). (U. d. Algarve, Ed.) Faro: Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património.
- BETTENCOURT, A. M. S., DINIS, A., SILVA, A., MOTA VEIGA, A., RIBEIRO, E., CARDOSO, H., ET AL. (2004). *A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal)*. *Portugália* 25. Nova série.
- BRADLEY, R. (1990). *The passage of arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*. Cambridge: University Press.
- MACIEL, T. (2003). *O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva*. Antas-Esposende: Rio Neiva.
- NEIVA, J. M. (1944). *Jazigos portugueses de cassiterite e de volframite*. (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal ed., Vol. XXV). Lisboa.
- OLIVEIRA, V. R. (2007). *O ambiente fluvial. Perspectiva geomorfológica e sedimentológica. Exemplos na bacia do rio Neiva*. Braga: Universidade do Minho.
- RAMIL R, P., GÓMEZ-ORELLANA, L., & MUÑOZ SOBRINO, C. (2010). *Cambio climático durante el último ciclo Glaciar-Interglaciar en el NW Ibérico in A. M. S. Bettencourt, M. I. C. Alves e Monteiro-Rodrigues (eds.). Variações Paleoambientais e evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ/CITCEM.
- REIS, A. P. (1978). *Romanização do Concelho de Ponte de Lima*. Ponte de Lima.
- SILVA, E. J., & MARQUES, J. A. (1986). *Escavação da Mamoa de Chafé- Viana do Castelo (notícia preliminar)*. *Arqueologia* 13.